



**Palavras - chave:**  
Comunidade Negra,  
Carnaval de Rua, Identidade,  
Sociedade, Escolas de  
Samba.

**Resumo:** O trabalho aqui apresentado é resultado de uma pesquisa sobre a comunidade negra da cidade de Ponta Grossa. O objetivo geral é compreender como era a participação da comunidade negra no carnaval de rua de Ponta Grossa na década de 1970. No desenvolvimento da pesquisa é feita uma análise da participação do negro na sociedade brasileira, ao longo de sua formação. Além disso a pesquisa procura problematizar a participação das escolas de samba no desenvolvimento do carnaval, fazendo uma análise comparativa da origem e do desenvolvimento das primeiras escolas no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa. As fontes consultadas foram os exemplares do jornal Diário dos Campos dos anos correspondentes à década de 1970.

# A EXPRESSÃO CULTURAL DA COMUNIDADE NEGRA DA CIDADE DE PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1970 A PARTIR DA ANÁLISE DO CARNAVAL LOCAL E DA PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA NESSA FESTA POPULAR

Marcos Oliveira de Alcântara <sup>1</sup>  
Evelise dos Santos do Nascimento <sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A intenção de se investigar aspectos ligados à identidade e contribuições culturais da comunidade negra na cidade de Ponta Grossa surgiu da vontade de trazer à tona o papel que o negro ocupa na sociedade pontagrossense e contribuir para a desmistificação da ideia de que o negro não participou da formação econômica, populacional e cultural desse pedaço do sul do Brasil. Tratar do negro no contexto urbano também vem da necessidade de se entender a presença do negro na cidade, já que os poucos estudos ligados às comunidades negras, e que são de extrema importância, tratam normalmente dos grupos quilombolas que muitas vezes vivem em comunidades rurais.

Diferentemente do que ocorreu com outros grupos étnicos, os negros pouco são lembrados pelas contribuições culturais que proporcionaram e proporcionam à cidade.

Ao se buscar a História de negros e negras dos Campos Gerais, em particular dos integrantes do Clube Treze de Maio 1890, percebe-se questões culturais e sociais a serem discutidas [...] Observando a historiografia sobre a cidade são poucos trabalhos que abordam essa temática. (SANTOS; LAVERDI, 2015, p. 221)

Deste modo, são comuns os textos publicados em obras literárias que tratam dos grupos europeus que se fixaram na região dos Campos Gerais, assim como as reportagens e constantes menções voltadas a exaltação do pioneirismo europeu na região transparecendo uma suposta inexistência dos negros nos Campos Gerais e em Ponta Grossa.

O trabalho que será aqui desenvolvido pretende investigar um momento específico da história da população negra na cidade de Ponta Grossa. O objetivo geral é compreender qual era o espaço ocupado pela comunidade negra em Ponta Grossa na década de 1970 a partir da análise do carnaval local e da participação das escolas de samba nessa festa popular. Esse período foi escolhido por ser o marco da origem das escolas de samba da cidade que inicialmente eram pequenos blocos que se expressavam em espaços restritos, como os quintais de casas da periferia. Além disso, o presente trabalho busca analisar o carnaval como meio de expressão da comunidade negra assim como avaliar o espaço que as manifestações culturais de grupos negros ocupam na sociedade local. Não se pretende aqui abranger o assunto em sua

<sup>1</sup> Graduado em Geografia pela UEPG. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UTFPR. Professor de Geografia da rede Estadual de Ensino do estado do Paraná. Email: moageo1979@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Graduada em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela UEPG. Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade, pela UEPG. Professora da rede Estadual de Ensino do estado do Paraná.

profundidade, mas sim propor algumas reflexões iniciais.

A fonte utilizada foram os exemplares do jornal Diário dos Campos. Essa fonte foi escolhida por ser o único registro escrito das festas de carnaval que aconteceram na cidade de Ponta Grossa nos anos que compreendem a década de 1970. Inicialmente pensou-se em recorrer aos documentos de arquivos das escolas de samba da cidade, mas em uma pesquisa preliminar constatou-se que tais documentos eram in-existentes, já que a maioria das escolas de samba daquela época não existem mais e que a única que ainda está em atividade não possui registros dos carnavales do período citado anteriormente. Essa falta de documentação ligada às escolas de samba de Ponta Grossa já nos fornece alguns indícios de como essa forma de expressão cultural da comunidade negra conseguiu espaço e valorização no contexto local.

O conceito de cultura norteará a pesquisa que será desenvolvida. Esse conceito é extremamente importante nos estudos atuais ligados à História Cultural. A historiografia da nova história destaca que “a ideia de cultura deixa de ser aquela da cultura escrita, geralmente relativa à elite intelectual, política ou econômica, e passa-se a pensar em cada significado simbólico que rege a vida social” (DENIPOTI et al, 2009, p.13). Trabalhar sobre essa perspectiva parece ser mais adequado já que a intenção é investigar as representações feitas por um grupo que se encontra marginalizado historicamente que é a comunidade negra.

O conceito de cultura foi tratado, entre outros autores, por Roger Chartier que em seus estudos analisou a noção de cultura popular. Para Chartier a cultura popular possui diversas definições, mas pode ser reduzida em dois modelos principais:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível da cultura letreada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. (CHARTIER, 1995, p. 179)

Essas noções de cultura popular destacadas, possibilitam enquadrar diversos estudos ligados à grupos excluídos. Dessa forma a operacionalização do presente trabalho terá como base teórica as noções de cultura preconizadas anteriormente.

Aliado ao conceito de cultura a pesquisa também trabalhará com o conceito de identidade. Esse por sua vez pode ser entendido como o sentimento de pertencimento que um indivíduo manifesta em relação à um determinado grupo em uma determinada época. “Desse modo, também pode ser entendido como o conjunto de características que dão ao mesmo sujeito a noção de pertencimento – ou não – a um determinado grupo. Assim, as identidades aproximam, mas também excluem” (DENIPOTI et al, 2009 p.100). A questão da exclusão é um fator importante para o estabelecimento de muitos grupos identitários que algumas vezes se reúnem e se reconhecem como grupo, num primeiro momento, não por afinidades culturais, mas por serem excluídos do conjunto de grupos dominantes. A grosso modo isso pode ser a causa do estabelecimento de grupos identitários formado por negros em cidades brasileiras.

A pesquisa será organizada da seguinte maneira: inicialmente será feita uma análise sobre a condição do negro na sociedade brasileira. Na sequência o trabalho tratará da influência da cultura negra no carnaval contemporâneo. Feito isso, apoiado nas fontes já mencionadas, será investigada a participação da comunidade negra no carnaval de Ponta Grossa na década de 1970. Encerrando a pesquisa serão tecidas as considerações finais. A metodologia que será utilizada para o tratamento das fontes que serão consultadas tem por base a análise qualitativa. Essa metodologia parece ser a mais adequada, já que a pesquisa não trabalhará com dados estatísticos.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONDIÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Por muito tempo o negro foi figura indispensável na estruturação econômica de várias nações americanas.

A economia colonial de base primário-exportadora fez espalhar, por todo o Continente Americano, milhões de africanos e seus descendentes, cuja inteligência, conhecimento de técnicas de produção e força se constituíram na pedra fundamental que fez erigir novas nações. (GOMES JUNIOR et al, 2008, p. 17)

No Brasil vários ciclos econômicos surgiram e entraram em declínio sempre contando com a força dos braços da população negra. Isso ocorreu com a cana-de-açúcar, com a mineração e em gran-

de parte com o ciclo do café. Em todo o tempo em que os negros trabalharam como escravos no território brasileiro, além da contribuição econômica houve forte participação em diversas outras áreas. A cultura brasileira em geral foi moldada com influências negras na dança, música, culinária, entre outros. A diversidade da população brasileira se deve a miscigenação ocorrida e que, além do europeu e dos povos nativos (indígenas), teve o negro como importante agente nesse processo. Por todas essas contribuições era de se esperar que os negros no mínimo fossem lembrados e valorizados como parte fundamental na constituição da nação brasileira. Gomes Junior destaca que:

Sobretudo nas regiões submetidas a um processo de colonização denominada pelos historiadores de colônias de exploração, desenvolveram-se nações com sociedades profundamente desiguais, tanto na perspectiva da inclusão socioeconômica, quanto no aspecto da participação política. Essas características estão presentes até hoje na sociedade brasileira. A permanência desse viés excluente empurrou para a marginalidade ou para o isolamento grande parte da população negra deste país, em que pese o fim da escravidão ter sido decretado no final do século 19. (GOMES JUNIOR et al, 2008, p. 18)

Essa exclusão e isolamento revela que após a abolição da escravatura a figura do negro deixa de ter importância para a sociedade brasileira, mesmo com todas as contribuições mencionadas anteriormente. A sua participação na sociedade tinha algum valor apenas como trabalho escravo. Esse desasco com a população negra fica ainda mais evidente quando se recorre à literatura. São reduzidas as obras que tratam do negro após a abolição da escravatura. Mesmo a população negra sendo parte importante em número e contribuição cultural ela é, de modo geral, ignorada e menosprezada pela sociedade brasileira, sofrendo discriminação e com dificuldades de ascensão social e econômica.

Tudo que foi relatado anteriormente pode ser observado com mais força nos estados do sul do Brasil. O Paraná “que se considera terra de todas as etnias sempre relegou a segundo plano a existência e importância dos seus filhos negros na sua formação sociocultural” (GOMES JUNIOR et al, 2008, p. 14). Essa diversidade étnica considera basicamente os grupos europeus, nativos e negros ficam de fora. Na cidade de Ponta Grossa não é diferente.

Na gama de autores que se dedicaram a estudar o negro na sociedade brasileira estão Kabengele Munanga, antropólogo congolês naturalizado brasileiro, que desenvolveu vários trabalhos enfatizando

a situação do racismo na sociedade brasileira. Na obra *Superando o Racismo na Escola*, Munanga discorre sobre a base cultural brasileira que para ele, tem sua gênese no eurocentrismo. Essa condição proporciona à sociedade brasileira uma construção de valores sob a ótica europeia, menosprezando as manifestações culturais que não se enquadrem nessa ótica. Dessa forma conclui que o racismo permeia nossa sociedade desde sua formação inicial.

Clovis Moura, jornalista, sociólogo, historiador e escritor brasileiro, traz uma outra perspectiva do negro no Brasil. Esse autor analisa historicamente o papel do negro enquanto sujeito formador da sociedade brasileira.

No conjunto da sua obra, Moura aprofunda as discussões em torno da participação do negro na formação da sociedade brasileira. Para esse autor:

A história do negro no Brasil confunde-se e identifica-se com a formação da própria nação brasileira e acompanha a sua evolução histórica e social. Trazido como imigrante forçado e, mais do que isso, como escravo, o negro africano e os seus descendentes contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quase quatro séculos de escravidão. (MOURA, 1989, p. 07)

Além dessa constatação, da importância do negro para a formação do Brasil que temos hoje, ao contrário de muitos estudiosos da questão racial no Brasil, Clovis Moura enquadra o negro não como um sujeito passivo e sim como lutador e resistente à dominação que lhe era imposta. Essa visão do povo negro fica evidenciada em sua obra *Rebeliões da Senzala* de 1986. Esse livro é precursor dos estudos de Clovis Moura sobre a condição negra no Brasil.

No cenário específico do sul do país as discussões envolvendo a população de origem africana ganham outros elementos que não podem ser negligenciados. A visão popular que se tem da formação dos estados do Sul do Brasil como sendo compostos por diferentes grupos de imigrantes europeus, que para essa região se dirigiram em diferentes épocas, é amplamente difundida no meio social. Na obra intitulada *O Paraná Negro*, Jackson Gomes Júnior, Geraldo Luiz da Silva e Paulo Afonso Bracarense Costa, esclarecem essa questão no estado do Paraná. Segundo esses autores:

O Estado, por muitos anos, foi apresentado como um local de descendentes de europeus, com uma pequena parcela de orientais e outra, menor ainda, de indígenas; a invisibilidade negra era sentida e vivida. Depois do censo de 1988, com o recorte étnico-racial na metodologia do IBGE, descobriu-se

que o Paraná é o Estado mais negro da região Sul do País. [...] Pela relevância da presença dos negros no Estado, tanto no que diz respeito à sua formação étnica e cultural, como a aspectos econômicos da evolução histórica paranaense, era de se esperar que as bibliotecas das nossas escolas pudessem ter material minimamente suficiente para a realização de uma pesquisa escolar [...]. Mas esta não é a nossa realidade. Falta-nos bibliografia que trate da questão. (GOMES JUNIOR et al, 2008, p. 13-17)

Essa visão que se deixava transparecer a respeito da formação étnica e da situação de ausência de bibliografia sobre os negros do Paraná revela o valor que o assunto tem no meio bibliográfico, principalmente no que se refere aos livros didáticos.

Mesmo com enfoques diferentes sobre a condição do negro no Brasil, todos os autores mencionados anteriormente não fogem da análise acerca das injustiças que foram e são praticadas contra a população negra brasileira ao colocá-la, na maioria das vezes em situações de inferioridade “que nos tempos primitivos, [...] baseava-se em fatores religiosos, políticos, nacionalidade e na linguagem, e não em diferenças biológicas ou raciais como acontece hoje” (MUNANGA, 2008, p. 39).

Em Ponta Grossa, a população negra se faz presente desde os primeiros núcleos populacionais que deram origem à cidade, em meados do século XIX. “No ano de 1890, dois anos após abolição da escravatura, a população de Ponta Grossa era de 4.774 habitantes, habitantes, sendo 1.063 negros” (SANTOS; LAVERDI, 2015, p. 224)

Historicamente a cidade de Ponta Grossa surgiu graças ao movimento de tropeiros que se deslocavam do Rio Grande do Sul em direção à São Paulo conduzindo rebanhos bovinos, no século XIX. Para o seu desenvolvimento, Ponta Grossa contou com o trabalho de diversos povos que para essa localidade se dirigiram. Entre os diversos povos a contribuição dada pelos negros foi significativa, desde o início do povoado que daria origem à atual cidade.

Durante o período de escravidão e após a abolição da escravatura, no final do século XIX, vários grupos de ex-escravos formavam grupos de quilombolas localizados na área rural do município de Ponta Grossa, como é o caso das comunidades de Sutil e Santa Cruz onde “os moradores contam que estão nas terras, que receberam de herança dos fazendeiros, depois do fim da escravidão, desde os anos 1700”. (GOMES JUNIOR et al, 2008, p. 56). Outros tantos habitavam a área urbana. Para se manter a identidade de um povo a cultura é ponto fundamental. As manifestações culturais dos grupos negros na

cidade de Ponta Grossa ficaram restritas, mais precisamente, a “uma instituição que atendia e acolhia os sujeitos de anomia social da época, o Clube Treze de Maio, criado em maio de 1890.” (SANTOS; LAVERDI, 2015, p. 225). Esse clube se tornou um reduto das manifestações da cultura negra em Ponta Grossa após a abolição da escravatura.

## A INFLUÊNCIA DA CULTURA NEGRA, O SAMBA E O CARNAVAL

Toda a situação de discriminação que o negro sofreu, e sofre, no Brasil não foi capaz de impossibilitar as diversas influências culturais que a comunidade negra deu para a formação da cultura nacional. Entre as tantas manifestações culturais a música é sem dúvida um das mais vivas e marcantes na definição da identidade nacional. O samba enquanto gênero musical é conhecido nacional e internacionalmente como representativo da cultura brasileira. No entanto, esse gênero musical não teve um início muito fácil. Zulian destaca que:

Como sonoridade popular, o samba percorreu os anos iniciais da república marginalizado, associado pelas elites urbanas à figura do ex-escravo, ao batuque das senzalas, aos perigosos ajuntamentos populares – indícios de revolta social. As representações das elites delimitavam o samba como próprio à “malandragem”, associando-o à indolência e à recusa ao trabalho honesto.” (ZULIAN, 2010, p. 229).

Essa dificuldade de expressar sua cultura, por parte da comunidade negra, que se configurava como parte livre da sociedade brasileira, demonstra o tratamento que continuava sendo dado aos negros mesmo depois da abolição da escravatura.

A resistência do samba foi aos poucos conquistando espaço na sociedade brasileira da capital federal na primeira metade do século XX. Ainda nesse período a criação de escolas de samba foi uma estratégia usada para facilitar a aceitação dessa manifestação identitária e cultural dos negros da cidade do Rio de Janeiro. As escolas de samba foram inventadas e organizadas pelos grupos mais pobres da cidade do Rio de Janeiro, que saíram de seus subúrbios, bairros e favelas para conquistar a grande festa da capital do país (TURETA; ARAUJO, 2013, p. 1). Esse espaço conquistado pelas escolas de samba da então capital federal abriu portas para que em outras cidades do país essa manifestação identitária de grupos, de certa forma excluídos, pudessem ocorrer. Ainda sobre as origens do samba e das escolas de samba,

Fernandes evidencia que:

O samba moderno (gênero musical) e, principalmente, a primeira escola de samba (instituição festiva) são produtos da década 1920 e do bairro do Estácio de Sá, uma parte da zona de obsolescência em torno do centro do Rio de Janeiro, habitado por imigrantes, negros, operários, estivadores, prostitutas e malandros, moradores de cortiços, morros e favelas circundantes, cujos hábitos, costumes e festividades eram desdenhados pela elite e reprimidas pela polícia. Os sambistas do Estácio que criaram o samba moderno e fundaram a primeira escola de samba, a lendária Deixa Falar, declararam que seus objetivos eram apenas desfilar sem apanhar da polícia. Em nosso entender o nome “escola” era uma mensagem, dava um sentido de ordem e comportamento respeitável tanto para os de baixo quanto para os de cima. (FERNANDES, 2012, p. 3)

Essas estratégias em torno da criação das escolas de samba revelam a força de resistência dos grupos excluídos da cidade do Rio de Janeiro na tentativa de cultivar sua cultura. Esse tipo de resistência também ocorreu em Ponta Grossa com a criação do clube literário Treze de Maio encabeçado por intelectuais negros no final do século XIX. Em relação as escolas de samba da cidade, também o surgimento e posterior esforço para se manterem em atividade, revelam uma resistência cultural admirável, pois, ao contrário das escolas de samba cariocas que venceram a resistência e se tornaram o símbolo do carnaval nacional, as escolas de Ponta Grossa lutam até os dias atuais por espaço na sociedade local que apresenta fortes traços da prevalência de uma cultura com valores brancos.

Torna-se importante ressaltar que o carnaval brasileiro nem sempre foi sinônimo de escolas de samba. O carnaval é uma festa popular de origem muito antiga. Tureta e Araujo citados por Valença revelam que:

Manifestações festivas de caráter carnavalesco já se faziam presentes em civilizações remotas, nas quais as pessoas se reuniam para a realização de algum tipo de ritual que poderia envolver bebedeiras, uso de máscaras, fantasias, cantorias e encenações (VALÊNCIA, 1996 apud TURETA; ARAUJO, 2013)

Ao longo do tempo o carnaval foi relacionado ao calendário católico e configura-se como o dia que precede a quarta-feira de cinzas início da quaresma, período de jejum e orações anteriores a Páscoa.

Antes da origem das escolas de samba o carnaval era marcado pelo desfile de blocos carnavalescos, normalmente representados pela elite econômica e clubes sociais, “era um meio pelo qual os grupos sociais difundiam suas ideias, seus valores e

projetos políticos e culturais”. (FERNANDES, 2012, p. 5)

## OS NEGROS NO CARNAVAL DE PONTA GROSSA

Em Ponta Grossa o carnaval marca presença desde o século XIX. Nesse período os festejos carnavalescos eram realizados tanto em ambientes fechados como nas ruas da cidade. A tradição do carnaval de rua se estende para as primeiras décadas do século XX. O Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais destaca que:

No século XX, nas décadas de trinta e quarenta, o Carnaval pontagrossense alcançou seu apogeu, atraindo foliões de várias cidades vizinhas. Apesar de todos os esforços, o Carnaval de rua de Ponta Grossa na década de 40 já dava indícios de fraqueza e de declínio. (DICCIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS CAMPOS GERAIS -UEPG, 2016)

O ano de 1942 marca o fim do carnaval de rua de Ponta Grossa. As dificuldades enfrentadas pelo país, que participava da segunda guerra mundial, refletia nos municípios e sem incentivos públicos os festejos do carnaval de rua são interrompidos permanecendo as comemorações restritas aos clubes sociais. Depois de vários anos as comemorações do carnaval de rua em Ponta Grossa voltam a ocorrer mais precisamente no ano de 1973, como destaca o jornal Diário do Campos:

Ponta Grossa vai botar seu bloco na rua [...] A avenida Vicente Machado estará ornamentada para os festejos momescos com uma forma original que está sendo estudada pela comissão. Haverá também Escolas de Samba, blocos, cantores, palanque e uma série de concursos para melhor fantasia, dança, rainha, e calouros com músicas carnavalescas do passado. (DIÁRIO DOS CAMPOS, ed. 23.296, 17 fev. 1973,)

Nesse ano, o retorno do carnaval de rua foi muito festejado por toda a comunidade pontagrossense. Muitos habitantes da cidade nunca tinham assistido a um desfile carnavalesco em Ponta Grossa, como bem destacou o jornal Diário dos Campos. Muitas eram as atrações daquele ano de retorno, entre elas uma novidade: pela primeira vez desfilavam na avenida Vicente Machado, além dos blocos tradicionais, escolas de samba. Consta que algumas escolas de Curitiba vieram somar-se as recém criadas escolas de samba de Ponta Grossa. Esse episódio apontava para uma democratização do carnaval municipal e a conquista de um espaço de expressão cultural para

a comunidade negra.

No ano de 1974 a euforia do carnaval de rua continua ecoando nos quatro cantos da cidade. Novamente participam dos desfiles blocos e escolas de samba. O exemplar do Diário dos Campos daquele ano destaca os festejos da seguinte maneira:

Tudo pronto para o carnaval: os carros alegóricos que vão desfilar na avenida Vicente Machado durante o triunfo momesco na promoção da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em conjunto com o comércio, indústria e clubes da cidade, que vão colocar seus animados blocos para o maior êxito do carnaval de rua de 1974. Milhares de foliões poderão assistir na avenida o desfile das Escolas de Samba – “Não Agite” e “Embaixadores da Alegria”, o que há de melhor no gênero em nosso Estado. Ao lado delas, “Cubanos do Ritmo” e “Demônios da Batucada”, ambas de Ponta Grossa vão mostrar seu samba. Durante os festejos deverá ser eleita a nova Rainha do Carnaval de Ponta Grossa, que receberá a coroa e o cetro de Ângela Abib Loss, a Rainha de 1973. (DIÁRIO DOS CAMPOS, ed. 23.525, 19 fev. 1974)

O destaque dado ao carnaval de 1974 demonstra uma grande importância das festividades de rua. Nos desfiles dividem a atenção os blocos dos diversos clubes sociais, as escolas de samba e as expectativas em relação a escolha da rainha da festa. O destaque que recebem as escolas de samba nesse momento refletem o êxtase provocado pelo carnaval carioca que nas décadas de 1960 e 1970 chegam ao auge e são apoiados e incentivados pela classe média como forma de espetáculo público que garantiu a circulação de turistas na cidade do Rio de Janeiro. (TURETA; ARAUJO, 2012, p.117 - 118)

Nos anos que se seguem da década de 1970, o carnaval continua sendo muito festejado nas ruas de Ponta Grossa. No ano de 1975 houve a “apresentação das escolas de samba de Ponta Grossa: Medonhos da Batucada, Império do Samba, Cubanos da Alegria e Princesa dos Campos” (DIÁRIO DOS CAMPOS, ed. 23.816, 09 fev.1975). Pode-se perceber aqui um crescimento no número de escolas de samba na cidade que participaram dos desfiles do carnaval de 1975 em relação as edições anteriores. Nos anos que se seguem a participação das escolas de samba não segue uma regularidade, algumas conseguem montar seus enredos e desfilar na avenida, outras por falta de dinheiro não realizam a mesma façanha.

Diferente do que ocorria no Rio de Janeiro, em Ponta Grossa na década de 1970, não há registros de desfiles competitivos entre as escolas de samba. As apresentações eram divididas com os blocos de diferentes entidades, principalmente dos clubes sociais da cidade. Não significa dizer que não havia

competição no carnaval pontagrossense. Como foi destacado anteriormente, com a volta do carnaval de rua, todos os anos sempre havia grande expectativa em relação a escolha da rainha da festa. Sobre isso o Diário dos Campos destaca:

A comissão julgadora escolheu para reinar neste carnaval a Sra. Silvana Nadal da Silva, representante do Clube Princesa dos Campos [...]. Giana Chaves, que foi rainha em 1974, também representando o tradicional Clube Verde. (DIÁRIO DOS CAMPOS, ed. 23.816, 09 fev.1975)

A disputa pelo título de rainha do carnaval atraia todas as atenções da cidade e era destacada com fervor pelo Diário dos Campos. “Quando foi anunciado o nome de Marilha Adamowicz como Rainha do carnaval de rua de 1978 a torcida do Clube Princesa dos Campos “explodiu nas gerais do Borel” (DIÁRIO DOS CAMPOS, ed. 24.212, 24 fev.1978). Todas as notas que o Diário dos Campos dava em relação as escolhas das rainhas dos carnavais da década de 1970 revelavam curiosamente que todas as rainhas eleitas representavam os clubes tradicionais da cidade, não houve rainha do carnaval representando alguma escola de samba ou mesmo o Clube Treze de Maio, o único clube negro da cidade. Esse fato deixa transparecer que a participação das escolas de samba e mesmo os blocos organizados pelo clube Treze de Maio tinham espaço secundário no carnaval da cidade.

Mesmo com a ascensão das escolas de samba no Brasil e a grande importância que as mesmas ganharam no carnaval, especialmente no carnaval carioca, em Ponta Grossa o carnaval ainda conservava a estrutura dos primeiros carnavais de rua do Brasil, com desfiles onde as classes mais abastadas ligadas aos clubes sociais eram os protagonistas, aproveitando o evento para difundirem seus valores, como já foi comentado anteriormente.

A oportunidade de desfilar nas ruas de Ponta Grossa era aproveitada sempre que possível por alguma escola de samba. Mesmo algumas escolas não conseguindo participar todos os anos, sempre escolas de samba desfilavam no carnaval pontagrossense. Com isso é possível perceber que a comunidade negra da cidade sempre esteve imbuída na árdua tarefa de resistência em manter sua identidade e fortalecer sua cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar a presença e participação do negro na sociedade brasileira constata-se que desde o início da formação do Brasil o negro se configura como peça importante na construção da nação que temos hoje. Os estudos realizados por intelectuais como Clovis Moura e Kabengele Munanga revelam aspectos importantes do negro no Brasil, suas contribuições, a luta para manter sua identidade cultural e as injustiças por eles sofridas no seio da sociedade.

A pesquisa aqui apresentada revelou que, assim como em outros pontos do Brasil, na cidade de Ponta Grossa a presença da comunidade negra é antiga e suas manifestações culturais resistem ao passar do tempo, mesmo não encontrando muito destaque e valorização pelo conjunto da sociedade local.

Os festejos carnavalescos realizados nas ruas da cidade de Ponta Grossa sempre foram momentos muito aguardados por parte da população ao longo dos anos. Especialmente no início da década de 1970, essa festa popular ganhou mais um atrativo nas ruas pontagrossenses com o surgimento das primeiras escolas de samba da cidade. Esse fato possibilitou a comunidade negra uma oportunidade a mais de mostrar sua cultura e fortalecer sua identidade.

Apesar do grande sucesso que os enredos, apresentados pelas escolas de samba faziam país a fora na década de 1970, em Ponta Grossa isso não ocorreu. Mesmo ocorrendo a participação nos desfiles de carnaval por uma escola ou outra, a atenção maior era dada aos blocos carnavalescos que representavam instituições locais e principalmente os clubes sociais da cidade. Isso fica claro, ao se analisar as disputas que eram travas para a escolha da rainha da festa.

As consultas feitas às fontes selecionadas revelaram que em todo o período estudado, nunca houve uma rainha do carnaval que representasse uma das escolas de samba que participavam dos desfiles. É possível concluir então, que na década de 1970 o carnaval de rua de Ponta Grossa mantém uma estrutura conservadora e mesmo com a resistência da comunidade negra em manter sua cultura prevaleciam os valores brancos representados pelos clubes sociais da elite da cidade.

## FONTES

Jornal Diário dos Campos (1970 – 1979)

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

DENIPOTI, Cláudio. et al: **Especialização em História, Arte e Cultura**. Ponta Grossa: UEPG/NU-TEAD, 2009. 167 p.

DISCIONÁRIO Histórico e Geográfico dos Campos Gerais. Disponível em: <<http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/carnaval.htm>> acesso em 02 de jun. de 2016.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba, identidade nacional e o direito à cidade**. Trabalho apresentado no XII Colóquio Internacional de Geocrítica, Bogotá, maio de 2012.

GOMES Jr., Jackson; SILVA, Geraldo Luiz da; Costa, Paulo Afonso Bacarense. **Paraná Negro**. Fotografia e pesquisa histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Curitiba: UTFPR/PROEC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3º ed. Rio de Janeiro: DPU&A, 1999.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008a.

SANTOS, Merylin Ricieli; LAVERDI, Robson. **NARRATIVAS DE IDENTIDADE NEGRA EM CONCURSOS DE BELEZA NEGRA DO CLUBE TREZE DE MAIO (PONTA GROSSA, 1985-2006)**. Ateliê de História UEPG, v. 2, n. 2, 2015.

TURETA, Cesar; ARAUJO, Bruno Felix von Borell de. **Escolas de samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais**. Organizações & Sociedade (Online), v. 20, p. 111-129, 2013.

ZULIAN, Rosângela Wosiak (org.). **Especialização em História, Arte e Cultura**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

